

Fake Press, Fake Justice, Fake Democracy

Marcelo Zero, sociólogo, DF 18/04/2018



O episódio do “muquipleX”, cuja verdade foi revelada pelo MTST, mostra que o Brasil não tem imprensa de verdade. Tem uma *Fake Press*.

Não se trata de uma imprensa que se equivoca eventualmente ou que produz “fake news” ocasionalmente. Não. A imprensa oligárquica brasileira, quando se trata de cobrir os acontecimentos que envolvem o PT e a esquerda de um modo geral, é sistematicamente *fake*. Mentirosa.

Claro está que toda imprensa tem lado, tem ideologia, tem posições políticas. Porém, em países democráticos há maior diversidade de posições, devido às leis democráticas de regulação da mídia, e certo comprometimento com a produção e distribuição de informações objetivas, equilibradas e fidedignas. Há algum respeito à verdade, até mesmo para que a posição política defendida tenha legitimidade e se permita o debate democrático.

Entretanto, no Brasil do Golpe, a imprensa oligárquica, dominada inteiramente por meia dúzia de *famílias*, perdeu completamente a compostura e a vergonha e dedica-se, diuturnamente, a mentir e a distorcer com grosseira impunidade.

No caso do “muquipleX”, por exemplo, nenhum órgão da nossa *fake press* se preocupou em investigar se teria havido de fato a tal reforma de R\$ 1,2 milhão, como tinha alegado a acusação no processo contra Lula. A defesa requereu uma inspeção, mas foi negada pelo juiz. Ninguém questionou a negativa de pedido tão racional e singelo. Pior ainda, produziram imagens fictícias da “luxuosa reforma” e as difundiram como verdades incontestáveis.

Mas o vergonhoso episódio do “muquiflex”, que foi vital para condenar um inocente, é apenas um exemplo. Tudo, ou quase tudo, que se divulga sobre Lula, o PT e a esquerda é *fake*.

No caso do *fake impeachment*, toda a imprensa oligárquica embarcou na lorota das “pedaladas fiscais”, operações contábeis que já tinham sido realizadas, sem quaisquer questionamentos, por governos anteriores. Isso era de conhecimento público, mas a *fake press*, em vez de investigar e falar a verdade sobre o fenômeno, preferiu reproduzir a mentira grosseira de que as pedaladas eram um “grave crime” e que tinham “quebrado a economia”.

O mesmo padrão propositalmente *fake* de notícias configurou-se na cobertura da Lava Jato, mediante uma articulação com *fake delações*, *fake power points*, *fake evidences* e verdadeiras convicções partidárias. Enquanto a presidenta honesta foi deposta num *fake impeachment* e o ex-presidente inocente foi condenado numa *fake conviction*, os políticos relevantes da direita foram preservados, mesmo com provas materiais robustas, tornando inteiramente *fake* o lema de “a lei é para todos”.

O fato de Aécio ter se tornado réu recentemente não muda em nada essa constatação, pois Aécio é um político moribundo, hoje sem a menor relevância. Ademais, contra ele há provas materiais concretas e irrefutáveis. Já Lula é o maior político brasileiro vivo e o maior líder popular da nossa História. Contra ele, há apenas esse vergonhoso *fake triplex*, que nunca foi dele. Trata-se do primeiro caso na História em que alguém é condenado com base em propriedade “metafísica” de um bem. Inventou-se uma jabuticaba jurídica para condená-lo. Lula seria o “proprietário platônico” do “muquiflex”. Nada mais *fake*.

Em qualquer país civilizado, Lula teria sido absolvido liminarmente na primeira instância, tal a fragilidade das acusações e as arbitrariedades

cometidas contra ele. Em qualquer país civilizado, Lula não precisaria de segunda instância ou terceira instância. A questão principal não está no processo, nas formalidades. A questão essencial no caso de Lula é a ausência de justiça e a evidente vontade política de condená-lo para não atrapalhar a agenda regressiva e antinacional do Golpe. A questão aqui é que, mesmo se Lula tivesse direito a 50 instâncias, em todas elas o veredito de culpado já estaria pré-determinado. A questão central é que, nesse caso, nós temos apenas uma *fake justice*.

Se a nossa *fake press* fosse séria e tivesse algum compromisso com a verdade, provavelmente eles investigariam as relações entre certas operações, como a Lava Jato, e as procuradorias norte-americanas. Procurariam saber porque os termos do acordo bilateral em matéria penal com os EUA não são respeitados. Indagariam porque os termos das multas pagas pela Petrobras aos acionistas norte-americanos não passaram pelo Senado Federal, como exige a Constituição Federal. Questionariam a razão pela qual a Lava Jato provocou prejuízos de mais de 2% anuais do PIB, nos últimos dois anos, e porque setores estratégicos inteiros da economia brasileira foram destruídos. Para a *fake press*, nada disso importa. O relevante é que Lula foi preso e, com isso, poderemos ter as ***fake elections*** com que a nossa direita sonha.

Ter uma *fake press* e uma *fake justice* é terrível. Mas o pior é que tudo isso conduz a uma *fake democracy*. **Uma democracia composta por formalidades vazias de direitos e de verdades.**

A informação é uma espécie de matéria-prima da democracia. É por ela que se produz o debate democrático. Contudo, como diria Karl Popper, um autor conservador, a informação, a opinião, a tese precisam ser falseáveis ou refutáveis para terem validade. Ou seja, elas têm de ser capazes de serem submetidas a provas, a questionamentos. É assim que a ciência evolui.

Segundo ele, as “sociedades abertas”, as democracias, também devem funcionar dessa forma, permitindo sempre os questionamentos e as refutações.

Entretanto, quando há uma *fake press* e uma *fake justice* não se produzem informações, teses, hipóteses ou juízos refutáveis. Nessas circunstâncias, tudo fica congelado e embaçado no nevoeiro autorreferenciado das mentiras irrefutáveis e das sentenças irrecorríveis.

O Golpe está construindo um país **fake**. Sem verdades, sem direitos, sem justiça, sem soberania e sem futuro.

Aprisionaram a verdade numa cela em Curitiba. Ela está incomunicável.

Fonte:

<http://www.frentepelasoberania.com.br/politica/fake-press-fake-justice-fake-democracy/>

